



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

WALTER MEDEIROS GUEDES POLICARPO

AS FORMAS DO SILÊNCIO: UMA LEITURA A PARTIR DA PSICANÁLISE

**CAMPINA GRANDE
2018**

WALTER MEDEIROS GUEDES POLICARPO

AS FORMAS DO SILÊNCIO: UMA LEITURA A PARTIR DA PSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado e licenciado em Psicologia.
Área de concentração: Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Elisângela Ferreira.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P766f Polcarpo, Walter Medeiros Guedes.
As formas do silêncio [manuscrito] : uma leitura a partir da psicanálise / Walter Medeiros Guedes Polcarpo. - 2018.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Elisângela Ferreira ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."
1. Silêncio. 2. Psicanálise. 3. Linguagem. I. Título
21. ed. CDD 150.195

WALTER MEDEIROS GUEDES POLICARPO

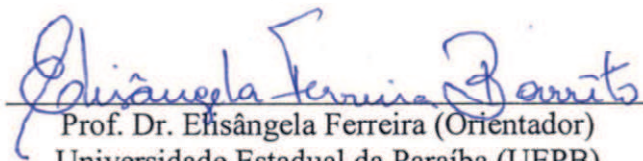
AS FORMAS DO SILÊNCIO: UMA LEITURA A PARTIR DA PSICANÁLISE

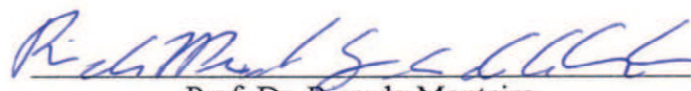
Artigo, apresentada(o) ao Programa de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado e licenciado em Psicologia.

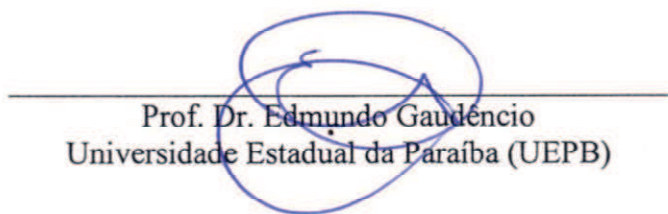
Área de concentração: Psicanálise.

Aprovada em: 29/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Elisângela Ferreira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Ricardo Monteiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Edmundo Gaudêncio
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, em especial a minha mãe pelo apoio todos esses anos, não só nesse curso de graduação, mas durante toda minha vida. Sempre ficando do meu lado, me dando apoio e orientação em todas as minhas decisões. Aos meus irmãos e minha noiva pelo companheirismo e amizade, e em especial as ótimas referências psicanalíticas que tive, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe por sempre valorizar o meu sonho de se graduar e busca-lo junto comigo. Enaltecendo as minhas conquistas e acolhendo as minhas tristezas, sendo, acima de tudo, um exemplo de mãe para qualquer um que se coloque nesse caminho.

Aos meus irmãos por estarem do meu lado em toda e qualquer situação, tornado a família um ponto de auxílio e resolução de problemas. Eles sempre foram meu lugar de total confiança.

A minha noiva, que sempre acreditou no meu potencial.

A professora Elisângela Ferreira por me orientar e supervisionar nessa jornada psicanalítica, demonstrando, com seu jeito meigo e alegre uma psicanálise que valoriza o individuo acima de qualquer saber médico. Com seu jeito receptivo e acolhedor, que tornou a psicanálise muito mais atraente.

Ao professor Edmundo Gaudêncio por me direcionar nesse caminho da clínica, onde foi, não só um exemplo de professor a ser seguido, mas um ser humano admirável. Nunca esqueci o dia em que teria que fazer a escolha das ênfases (clínica, organizacional ou educacional) e não pensei duas vezes em procura-lo para me dar suporte em tal escolha. Como já está claro, segui a clínica da psicanálise e não me arrependo.

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, em especial, a professora Lorena Bandeira, ao professor Wilmar, ao professor Jorge Dellane que contribuíram ao longo graduação, por meio dos seus saberes, e me mostraram o que é ser um bom profissional.

A todos as amizades que fiz na UEPB ao longo desses cinco anos, que me ajudaram nesse caminho tão árduo, mas valoroso.

Aos meus grandes amigos de sala, que foram em vários momentos muito mais que colegas.

“Penso noventa e nove vezes e nada descubro;
deixo de pensar, mergulho em profundo
silêncio – e eis que a verdade se me revela”.

Albert Einstein

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	DESENVOLVIMENTO.....	09
2.1	<i>Da linguagem ao silêncio.....</i>	09
2.1.1	<i>Silêncio como fenômeno da resitência.....</i>	12
2.1.2	<i>O silêncio como semblante de objeto a</i>	15
2.1.2.1	<i>A pobreza simbólica da clínica contemporânea.....</i>	17
3	CONCLUSÃO	19
	REFERÊNCIAS	21

AS FORMAS DO SILÊNCIO: UMA LEITURA A PARTIR DA PSICANÁLISE

Walter Medeiros Guedes Policarpo*

RESUMO

Este trabalho enfatiza a importância do silêncio para a psicanálise e tem como objetivo discutir sobre o desenvolvimento do silêncio nos escritos de Freud e Lacan, identificando a relevância do desenvolvimento da noção de silêncio na clínica psicanalítica, uma clínica baseada na fala. Assim como analisar a posição do analista frente ao paciente silencioso. Exploraremos a relação analista/paciente na clínica contemporânea, frente à dicotomia do silêncio (abertura do inconsciente/fenômeno da resistência), buscando conceituar o *objeto a* lacaniano, articulando o silêncio como uma noção de vazio e uma atribuição de sentido, onde o sujeito pode advir.

Palavras-Chave: Simbólico. Silêncio. *Objeto a*. Contemporaneidade

1 INTRODUÇÃO

O silêncio é um fenômeno de intensa presença na clínica da psicanálise, assim como uma forma de comunicação presente em toda a expressão humana. Segundo Nasio (2001), o silêncio está presente nas sessões de análise e seus efeitos são extremamente decisivos para o amadurecer do processo. Pensar o silêncio não pela via da ausência, mas pela via da presença, nos leva a crer que o silêncio, apesar de mudo, é repleto de palavras (ORLANDI, 1942). Assim, este trabalho, pretende abordar o silêncio tanto como parte da linguagem e como um elemento do *setting analítico*, lugar onde está em ascensão por sua insistência em se fazer presente, seja como um fenômeno da resistência, seja como abertura do inconsciente a “extraordinária revelação” de Freud (LONGO, 2006).

Inicialmente, este trabalho, orienta-se no sentido da linguagem e sua importância na psicanálise, assim como sua relação com simbólico, trazendo a tona o inconsciente freudiano, onde os sonhos e sintomas neuróticos se manifestavam através da fala, revelando aí uma articulação entre inconsciente e linguagem. Lacan, por sua vez, em sua releitura da obra freudiana propõe a ideia de que o inconsciente é uma linguagem, não no sentido de um baú de símbolos, mas que é estruturado como uma linguagem, obedecendo regra e lógica própria (PADRÃO, 2009). Após essa breve conceituação, será abordada a importância do silêncio

* Aluno de Graduação e Licenciatura em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: waltermedeiros1991@hotmail.com

como parte da linguagem do inconsciente. O silêncio como horizonte, como uma eminência de sentido, como uma expressão do corpo, para além da palavra falada (ORLANDI, 1942).

Em seguida o trabalho se deterá a conexão entre a palavra e sua “magia” na psicanálise (LONGO 2006), fazendo uma conexão com o silêncio e o lugar de ambos como faces da mesma moeda. O silêncio, tão decisivo quanto à palavra proferida (NASIO, 2001). Um silêncio que atravessa as palavras, mas que existe entre elas, que traz um sentido, onde nas palavras falta o sentido, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio e que produzem silêncio (ORLANDI, 1942). Diante disso, falar do silêncio no lugar do analista, sendo esse o “melhor lugar” para se ocupar nas palavras de Lacan, configurado como o lugar do morto (LACAN 1966). Um lugar que possui uma extrema importância, no sentido que não tem demanda, porém não é sem desejo. Um lugar não apenas do silêncio, mas que possui a qualidade de uma sombra que revela os atos psíquicos e é capaz de renovar os dizeres (NASIO, 2001).

Ao final, será abordada a questão do pensar a clínica contemporânea, uma clínica dos “novos sintomas”, como afirma Recalcati (2004): sujeitos que “faltam a ser”, assim como uma clínica para além do recalque e da passagem ao ato (idem, 2004). Nessa perspectiva, serão trazidas questões da implicação psíquica nos sintomas corporais (BIRMAN, 2003), como o silêncio que abate na clínica da psicanálise, resultado da pobreza imaginária dos discursos atuais (KUPERMANN, 2003), revelando os novos manejos que a clínica psicanalítica tem que lidar na subjetividade contemporânea, uma clínica do *acting-out*, da convocação do corpo (PADRÃO, 2009), onde o psicanalista é convocado a não apenas falar, mas se apresentar a experiência analítica (KUPERMANN, 2003).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Da linguagem ao silêncio

O inconsciente ordenado como linguagem. Mas qual? E por que eu disse uma linguagem? Porque de fato de linguagem começamos a entender um pouquinho. Fala-se de linguagem objeto na lógica, matemática ou não. Fala-se de metalinguagem. Fala-se mesmo de linguagem, há algum tempo, no âmbito da biologia. Fala-se de linguagem a torto e a direito. Para começar eu digo que, se falo de linguagem, é porque se trata de traços comuns a encontrar. A linguagem de que se trata – como tive o tempo, o cuidado, o trabalho e a paciência de articular – é a linguagem na qual se pode distinguir o código da mensagem (LACAN, 1971, p. 18).

Como afirma Longo (2006), Lacan retoma a letra de Freud. A autora continua afirmando que, “o retorno a Freud”, para Lacan, significa voltar os olhos à importância crucial

que Freud atribui à linguagem para a psicanálise, uma vez que o inconsciente está completamente envolto nela. Nesse retorno a Freud, ele afirma que “o inconsciente é estruturado como linguagem”, ou seja, na fala cotidiana do sujeito, repetida e congelada, o sujeito do inconsciente – aquele que, segundo Freud, é o verdadeiro dono de nossa casa – encontrou o seu caminho pela linguagem.

A linguagem e os símbolos são indispensáveis no transcorrer da vida, e estão associados ao inconsciente “a extraordinária revelação de Freud”. Através de ambos, podemos dar significação ao mundo e natureza que possuem uma incongruência em sua existência, por não serem criações meramente humanas. Uma passagem de estágio do sem sentido para o sentido (LONGO, 2006).

[...] a qual Freud dizia em 1935 a Georges Mauco e a René Laforgue que “ali estava o futuro da psicanálise”, o inconsciente, inseparável da função simbólica no ser humano, permanecerá sempre, com o desejo, a riqueza inviolável de cada um, mas também a fonte dos maiores infortúnios quando, na impossibilidade de traduzir em alguma linguagem a expressão dos conflitos internos, ele se vê dinamicamente anulado, emudecendo o ser, solitário então em seu sofrimento (NASIO, 2001, p. 39).

Da faculdade simbólica resulta a linguagem. Segundo Longo (2006), a expressão humana presente no mundo é resultado da vocação simbólica que possuímos. A criatividade humana, os desejos insatisfeitos, a ambição, vaidade, amor, paixões e tristezas, são todos resultados da faculdade simbólica. Tal linguagem, para a autora, não possui conexão com a realidade e não dispõe em sua essência significados definitivos, o sujeito é produto e produtor da linguagem, um precipitado na ordem do discurso, do qual não é mestre.

Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho (LACAN, 1966-1998:252).

De acordo com Elia (2010), a linguagem pode se renovar em um ser de fala, ou seja, uma remodelagem na estrutura simbólica. No entanto, é unicamente pela fala, segundo o autor, que pelo seu modo acorrentado, como um discurso aberto que segue um curso de palavras, que o significado consegue ser destacado da significação. Ou seja, a fala, por ser essa corrente de palavras, permite essa separação entre significante e significado. Se todas as produções simbólicas são verbais, por que privilegiar a fala? O autor responde, colocando que, toda produção do campo do sentido é da ordem simbólica, seja falada ou não. Ele segue afirmando, que um gesto, uma expressão do corpo, uma dança, um desenho, tanto quanto uma narrativa oral, serão produções simbólicas, regidas pelo significante, e ditas *verbais*, por

estarem na dependência do *verbo significante*, e não por serem expressas por via oral. No dizer do autor, mesmo que alguém não faça uso da *função da fala* ainda assim estará no campo da linguagem, na medida em que é um ser falante, que se constitui em um mundo de linguagem.

Só a fala permite que o sujeito, que emergirá nos tropeços das intenções conscientes daquele que fala, possa, além de emergir nesses tropeços, ser reconhecido como tal pelo falante, que, a partir desse reconhecimento, não será mais o mesmo porquanto terá sido levado a admitir como sua uma produção que desconhecia, mas que, ainda assim, faz parte dele (ELIA, 2010, p. 23).

A psicanálise centrada no campo da fala e da linguagem espera sempre de maneira incerta que o inaudível se transforme finalmente em verbo, para que se possa consubstanciar então em gestos de cuidados (BIRMAM, 2003). O destaque conferido à linguagem, no discurso freudiano, foi o primeiro passo de desconstrução, na tentativa de superar o dualismo cartesiano e a racionalidade médica, centrada na anatomia patológica. A importância dada à fala construiu uma mediação entre o psiquismo e o somático, possibilitando a articulação de ambos (idem, 2003).

A linguagem é a condição do inconsciente ou o inconsciente é a condição da linguagem? (LONGO, 2006, p. 22). O inconsciente é posterior à linguagem, sem a linguagem não existiria inconsciente. Segundo Ferreira (2002), se na linguística a função da linguagem é comunicar, para a psicanálise é convocar. A fala é como o agir do discurso, que dirige uma mensagem para o Outro e demanda uma resposta, sendo a fala, a função da linguagem. A autora continua dizendo que é nessa direção que o inconsciente é o discurso do Outro e tem participação nesse Outro, como lugar de produção do discurso. O inconsciente, para a autora, não está em outra parte, mas no mesmo local que os significantes (lugar do Outro), e por isto, podemos delineá-lo como uma cadeia de significantes que insiste em interferir no discurso. “O inconsciente é o que comparece na fala como dito que escapa à intenção do dizer...” (FERREIRA, 2002, p. 120).

A linguagem, justamente isso que divide e articula os pensamentos, inscreve-se no pré-consciente e os pensamentos se inscrevem no inconsciente. É porque há linguagem que o inconsciente e a língua existem. E, por causa disto, o falante pode se servir da língua para significar o que, do ponto de vista da própria língua, não faz sentido (FERREIRA, 2002, p. 125).

Nasio (2010) afirma que a asserção lacaniana: “O inconsciente é ordenado pela linguagem” não significa em absoluto que o inconsciente seja feito apenas de palavras e sons. Segundo Elia (2010), quando alguém dança ou se exprime corporalmente, sem falar, tendemos a atribuir sentido a cada passo, tanto quanto uma fala, de produções simbólicas. O

autor afirma que o sujeito estaria presente nas produções simbólicas, que fazem parte do campo verbal, mas que não se fazem através da fala. “O discreto, o um, encontra sua contraparte no silêncio” (ORLANDI, 1942, p. 13).

[...] um silêncio que precisa ser escutado pelo analista, pois também nos conta uma história: ao mesmo tempo em que se apresenta como resistência, paradoxalmente, o silêncio denuncia territórios nos quais evitamos pisar e promove assim, uma abertura para a emergência do inconsciente (PADRÃO, 2009, p. 95).

Por mais que o inconsciente se expresse através de palavras, sempre restará um silêncio, ou seja, algo não poderá ser dito pelas palavras. Onde as palavras faltam o que resta é silêncio. O silêncio remete a falta de significação, o silêncio muitas vezes é a impossibilidade de dizer. Onde a linguagem não pode recobrir. Mesmo que a comunicação se dê pelo código verbal, algo sempre foge a palavra, mesmo que se diga tudo o silêncio é uma tentativa de recobrir a ausência de dizer (CAÑIZAL, 2005).

Orlandi (1942) vem trazer o silêncio como fundante, é o fundante da significação. A autora continua dizendo que o silêncio é a matéria significante por excelência, um *continuum* significante. O real da significação é o silêncio. Na perspectiva que assumimos o silêncio não fala. O silêncio é. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio o sentido é, ou seja, o silêncio exatamente por não trazer em si uma significação através das palavras, abra a possibilidade de qualquer sentido. Nisto poderíamos pensar que, assim sendo, o silêncio toca nos significantes do sujeito, pois a cada interpretação da ausência de palavras, se abrirá uma cadeia associativa a partir das representações de cada sujeito em questão (idem, 1942, p. 31).

2.1.1 Silêncio como fenômeno da resistência

Embora Freud não tenha descrito uma “teoria da linguagem” propriamente dita, a linguagem está presente em toda a sua obra. Joseph Breuer, médico que trabalhava com Freud, relatou que em um de seus atendimentos a Anna O., mesmo sob efeito da hipnose, era muito difícil fazê-la falar. Anna O. para designar um termo para o seu tratamento, encontrou uma expressão original: deu o nome de “*talking cure*” (“cura pela palavra”). Esse termo que Anna O. cunhou e acolhido por Freud mais tarde, passou a se chamar psicanálise; onde tudo se passa na e pela linguagem (LONGO, 2006).

Segundo Longo (2006), Freud começava a compreender a “magia” da palavra, que tinha o poder de desvendar fenômenos cujo segredo estava nos estados psíquicos. Ao falar de afasia – perda do poder de expressão da fala, pela escrita ou pena sinalização, ou a perda da capacidade de compreensão da palavra - Freud acabou fazendo um esboço de uma teoria da

linguagem. Segundo Freud (1915) “Palavras e coisas”, afirma que uma palavra corresponde a um complexo processo associativo no qual se reúnem elementos de forma visual, acústica e cenestésica. Uma palavra, contudo, adquire seu significado ligando-se à representação do objeto.

Como afirma Longo (2006), na época da publicação de *Estudos sobre a histeria*, de Freud e Breuer, mesmo quando utilizava a hipnose como forma de tratamento, a palavra já tinha um papel preponderante. No caso dos pacientes histéricos, aqueles que sofriam com os conteúdos recalçados, eles notaram que cada sintoma histérico sumia para sempre logo após a lembrança do fato que o provocara e com o despertar das emoções que o acompanhavam, isto é, quando o paciente o descrevia com detalhes e traduzia a emoção em palavras.

Nos anos 60, Lacan retoma essa mesma letra de Freud. Em outros termos, Lacan volta seus olhos à importância crucial que Freud atribuiu à linguagem na psicanálise, uma vez que, o inconsciente está totalmente envolto nela. De acordo com Quinet (2000) nesse retorno a Freud, Lacan afirma que o inconsciente funciona segundo as mesmas regras da linguagem e propõe, portanto, a partir de Freud, duas formas de articulação dos significantes, designando-as por “leis do inconsciente”. Quais são essas duas leis? A metáfora e a metonímia.

Lacan faz uso da metáfora para demonstrar que o que Freud chama de condensação é uma justaposição de significantes, a substituição de um significante por outro significante. Tomemos a frase: A mulher é uma rosa. Será que a mulher é uma rosa? Uma planta? Não, é um efeito metafórico. Quando digo o termo “a mulher é uma rosa”, estou usando o termo “rosa” para apontar alguma qualidade desse sujeito da frase que está elidida, sendo apenas evocado. Essa substituição de significantes pode ser escrita: S’/S. O efeito poético da metáfora deixa em suspenso o significado. O sentido não nós é claramente dado, mas aparece o efeito da significação (QUINET, 2000).

A segunda lei do inconsciente é a metonímia. É uma articulação de um significante ao outro por deslizamento. Tomemos um exemplo de metonímia: “Trinta velas despontam no horizonte”. Ao invés de se falar barco, fala-se vela, de acordo com a definição de metonímia que é a parte pelo todo, pois se tornou parte do barco, a vela, para se referir ao barco. Para generalizar a metonímia, podemos dizer que o que permite articular vela com barco – a parte pelo todo – é simplesmente a articulação significante. A falta de significação própria da cadeia corresponde ao reenvio da significação de significante em significação próprio à associação livre (idem, p. 32).

Segundo Longo (2006) com base em Saussure, Lacan se questiona sobre o sujeito que produz o signo linguístico: trata-se de um sujeito submetido à linguagem, à função simbólica, um sujeito submetido a um equívoco que a função simbólica comporta, uma vez que a palavra é ambígua. Lacan utiliza-se do algoritmo saussuriano e postula a diferença entre o significante

para a linguística saussuriana e para a psicanálise. Ele quebra a unidade do signo; torna resistente à significação a barra que separa o significante do significado e inverte os termos: o significante deve ficar sempre na parte superior, acima da barra, representando o S maiúsculo; e o significado ficará em baixo, representando pelo s minúsculo.

$$\frac{S}{s}$$

Algoritmo lacaniano

O algoritmo lacaniano fixa o significante acima na barra. É grafado com maiúscula porque sua presença na fala é prevalente: o falante desliza de significante em significante sem conseguir entender o que fala alienado que está do sentido daquilo que diz. O falante só consegue “atravessar a barra”, ou seja, atingir o sentido do que fala em momentos quando o significante traz um saber não sabido e o sujeito se encontra com esse saber produzido pelo inconsciente, sendo esses, momentos raros. O significado só é atingido por meio da ação imprevisível das formações inconscientes (LONGO, 2006).

A entrada do elemento imprevisível, como o ato falho, é a prova de que o falar está a todo instante ameaçado por aquilo que está presente em estado latente, isto é, “um significado recalçado (...) se imiscui no dizer do sujeito e ilumina o desejo, interrompendo o aparente domínio que teria sobre si mesmo, abalando suas intenções comunicativas, revelando o que não pode ser revelado” (FELIPETO; CALIL, 2008, p. 28).

Assim como a fala parece resistir – a partir de mecanismos como o deslocamento (metáfora) e condensação (metonímia) – o silêncio na clínica psicanalítica parecia para Freud, uma manifestação do mecanismo da resistência, marcado pelo esquecimento, pela ideia de renunciar as palavras ou por um “não ter o que dizer”.

O inconsciente nos fala alguma coisa, mesmo através de uma fala tropeçada ou truncada a despeito das intenções do sujeito. E é por esta fala que a psicanálise se interessa: a fala do sujeito do inconsciente; a fala que evidencia uma dimensão de conflito. Esta dinâmica nos revela que enquanto o mecanismo da resistência atua, mantendo o sujeito em silêncio, buscando esconder todo o desejo que não pode aparecer por ser desprazeroso, o inconsciente tenta falar e se apresenta quando a fala do sujeito é capaz de desvelar outra coisa: o equívoco, a ruptura, um aparente sem sentido (PADRÃO, 2009).

Segundo Freud (1901), o equívoco, o “não ter o que dizer”, o esquecimento, os “lapsos da fala”, onde tem por parte do sujeito uma recusa em falar, são manifestações do fenômeno da resistência, e portanto, manifestações inconscientes. Por mais que o inconsciente procure “falar”, sempre restará um resto, um silêncio. Um silêncio, segundo Padrão (2009),

ensurdecedor e que pesa nos ouvidos. A autora continua dizendo que, para não se relacionar com esse silêncio, nós colocamos na posição de “ouvintes do insuportável”. “Tudo, qualquer coisa! Qualquer saída para o silêncio, e para o que este carrega em si!” (Idem, p. 98). “Vamos abrir o som no maior volume e abrir a mala do carro para que todos compartilhem nosso momento musical *samba funk grove metal* e lhes proporcionar que, assim como nós, estejam livres do todo o mal!” (Idem, p. 98).

Por isso, durante seu percurso psicanalítico, o sujeito demanda um saber sobre si mesmo. Esse saber virá a ele no momento em que lograr escutar a si mesmo e ouvir, algo que faça sentido para ele. Esse saber sobre si mesmo, chega a ele por equivocação: é quando ele mesmo não se entende, porque diz mais do que conscientemente sabe sobre si mesmo. Neste momento, a interpretação do analista pode contribuir para um *se dar conta*, para este *não dito*, inassimilável. O próprio trabalho de construção empreendido pelo par analista-analisando deve se valer de silêncios como abertura para o trabalho psíquico por meio da elaboração de sentidos. O analisando só pode interpretar, na medida em que vive um momento de silêncio para escutar, e neste escutar se implica um trabalho de simbolização, que está para além de uma simples percepção sonora (LONGO, 2006).

Ostenta assim o silêncio essa dupla faceta, sendo ao mesmo tempo um fato clínico de primeira instância e uma manifestação da natureza psíquica. Entretanto, J. Lacan propôs um termo substituto a palavra “silêncio”, uma palavra nova que pede elaboração teórica. A expressão lacaniana *semblante de objeto a* designa exatamente esse duplo sentido da palavra “silêncio”; do ponto de vista teórico, semblante é o simulacro visível do mutismo invisível da estrutura psíquica (*objeto a*); e do ponto de vista técnico, o semblante é também o melhor lugar, que o psicanalista pode ocupar para favorecer a ocorrência de uma interpretação e suscitar o relançamento da estrutura. No próximo ponto desenvolveremos essa afirmação lacaniana, para disto fazermos nossos desdobramentos a respeito do tema deste trabalho.

2.1.2 O silêncio como semblante de objeto A

Ao nascer o indivíduo não diz absolutamente nada, mas o que disser virá de fora, algo que nele foi projetado, um significante vindo da extensão do Outro. Este significante é o S^1 , o significante mestre, que faz parte de uma articulação de outros significantes, como uma forma de arranjo no campo do Outro. Para o indivíduo, marcado por esse S^1 , também passará a ser marcado por certo saber, que se chamará de S^2 , ou seja, a formação do sujeito se dá a partir de um significante sem sentido (S^1) e um que tem a intenção de ter sentido (S^2) (LONGO, 2006). A autora afirma que, o sujeito do inconsciente é um sujeito barrado ($\$$), por uma incapacidade

de S^1 e S^2 de representa-lo. Se houvesse, para ela, uma relação entre S^1 e S^2 o circuito de sentido se fecharia e deixaria de faltar algo, o que para Freud se chamou de *das Ding* (“a coisa”). “Esse algo é o *objeto a*, o objeto que taparia a nossa falha estrutural e, como objeto da pulsão, daria o gozo absoluto” (Idem, 2006, p. 56).

Segundo Longo (2006), o *objeto a* pode ser um furo na fantasia, fantasia está que, constrói a realidade do sujeito e amortece o impacto que o encontro com a falta (real) produz. O *objeto a* é essa ruptura entre sujeito e objeto, que participa das configurações imaginárias, onde corresponde aos primeiros efeitos de penetração de significantes no corpo do sujeito. Havendo corte no sujeito e falta de objeto, o *objeto a* será o suporte da fantasia. Em sua constituição, o sujeito do inconsciente tem na fantasia um lugar de união entre imaginário e real, um lugar de onde os sintomas dependem. A travessia da fantasia é a própria análise e tem nos *objeto a* um de seus pontos de apoio.

Isso quer dizer que o analista intervém concretamente na dialética da análise se fazendo de morto, cadaverizando sua posição, como dizem os chineses, seja por seu silêncio, ali onde ele é o Outro, *Autre* com *A* maiúsculo, *autre* com *a* minúsculo. Em ambos os casos e sob as respectivas incidências do simbólico e do imaginário, ele presentifica a morte (Lacan, 1966-1998, p. 434).

Lacan, de acordo com a citação acima, aponta para uma posição do analista próxima da função de *objeto a*, onde, neste ponto, ele nos ensina que através do silêncio duas posições podem advir – a do Outro – pela via simbólica e a do objeto pequeno *A* – pela via imaginária. Ambas as posições são modos de o analista intervir na dialética da análise. Ao se colocar no lugar do morto, como Lacan propõe, o analista motivaria o de algum modo o analisando a falar, como também, através do seu silêncio, apontar o sujeito à posição do Outro. Nasio (2001) afirma que esse lugar, que Lacan designa como o do morto, só tem consistência por fazer surgir outros lugares. O autor fala ainda que o lugar do analista possui a qualidade de uma sombra que ao se delinear desperta e revela certos atos psíquicos. Na sombra desenrolada pelo silêncio do analista nascem novas formações capazes de renovar os dizeres.

Segundo Jorge (2010) o objeto *a* representa uma espécie de conclusão, nomeadamente almejada por Freud, de suas teorias das pulsões, e com ele podemos prescindir da tematização imaginária sobre a escolha de objeto. O objeto *a* é um conceito que, digamos assim, vai à raiz do problema e, em vez de abordar a questão pela via do imaginário, o faz pela dimensão do real. O objeto *a* é a denominação mínima estabelecida por Lacan, com a primeira letra do alfabeto – dizia ele: “Se fosse fácil, nós lhe daríamos outro nome que não objeto *a*” -, para

falar desse objeto que não existe e que, não é o objeto do desejo, mas sim o objeto *causa* do desejo. Nesse sentido ele formula no seminário *Mais, ainda*: “Não é a mulher que o homem aborda, mas a causa de seu desejo, o objeto *a*”. “O *objeto a* é o objeto causa do desejo, que faz desejar. Ele é simbólico, mas representa o desejo que, às vezes repousa em algum objeto palpável – uma pessoa, um trabalho, uma mercadoria” (LONGO, 2006, p. 62).

2.1.2.1 A pobreza simbólica da clínica contemporânea

A partir das reflexões de Recalcati (2004), nos debruçamos sobre a clínica contemporânea chamada por esse autor a clínica dos “novos sintomas” que é uma clínica para além do princípio do desejo ou, em outros termos, é irreduzível a clínica do sujeito dividido. O discurso do capitalista e o discurso científico, de fato, na contemporaneidade realizam uma expulsão-anulação do sujeito do inconsciente. Os novos sintomas estão configurados efetivamente como um efeito dessa expulsão, sendo produtos do discurso capitalista em seu enredamento.

Segundo o autor, na atualidade a clínica dos sintomas contemporâneos se manifesta como uma clínica além do recalque, portanto, como uma clínica onde o sujeito não traz a dimensão de um querer saber sobre si, uma interrogação sobre o que faz sofrer, desse modo, poderíamos afirmar que, o que se apresenta é uma clínica da passagem ao ato mais do que uma clínica do retorno do recalado, nestes termos, apontando para uma imensa repetição de sujeitos que atuam sem dar significações aos próprios atos, e que muitas vezes chegam aos *settings analíticos* a partir de atos que incidiram na própria vida de modo desastroso e carentes de significação simbólica. Com essa superioridade do agir em relação ao simbolizar, a clínica contemporânea parece revelar sua dimensão psicótica (retorno do gozo no real); o que não quer dizer que se tratem de sujeitos de estrutura psicótica, mas sim de que os sujeitos da atualidade respondem a hipermodernização muitas vezes obturando o campo do simbólico e conseqüentemente se desconectando do próprio desejo. Assim, a clínica atual testemunha sujeitos carentes no campo simbólico e imersos numa estrutura de gozo.

É muito importante lembrar esta origem da questão preliminar em Lacan porque a clínica contemporânea confronta-se precisamente com a fraqueza estrutural e generalizada da metáfora paterna, com efeitos – vários – do retorno do gozo no real que tornam irreduzíveis os novos sintomas ao regime significante da equivalência sintoma=metáfora (Recalcati, 2004, p. 3).

Ensina-nos Birman (2003), que os sintomas corporais se fazem presente em perturbações psíquicas, se considerarmos a forma como são produzidas, tais perturbações

estão cada vez mais destacáveis na contemporaneidade. Posso enunciar ainda, que tudo isso foi se impondo de maneira progressiva na atualidade. A implicação gritante do registro psíquico nos diversos sintomas corporais se banalizou como forma privilegiada que tem sido para a manifestação do mal-estar nas últimas décadas. Percorrendo, pois, trilhas inesperadas, configurando-se como abruptos curtos-circuitos, o psíquico explode sempre de maneira ruidosa no registro somático. No seu limite, no entanto, a manifestação em pauta percorre fendas marcadamente anti-expressivas, caracterizando-se principalmente como silêncio.

Kuperman (2003) destaca o silenciamento das vozes do imaginário psíquico que corresponde ao emudecimento imposto ao corpo desde a modernidade, contra o qual a psicanálise, inspirada no discurso das históricas, se ergueu. O autor continua, destacando a figura da pobreza, quando, aos sujeitos faltam recursos imaginários e fantasísticos para lidar com a experiência, uma apatia e desafetação presente em seus discursos, que termina por congelar o potencial desejante. “Portanto, a cena clínica se dramatiza então, de maneira que a perplexidade toma literalmente a forma de corpo, que se avoluma cada vez mais nos seus efeitos de opacidade” (BIRMAN, 2003, p. 3).

A atualidade padece de um silêncio diferente de todos que tratamos até o presente momento neste trabalho. O que enfrentamos no silêncio da hipermodernidade é a carência simbólica de sujeitos imersos em seus modos de gozo, impossibilitados de se conectarem ao Outro da demanda. Testemunhamos em nossos consultórios não só o silêncio que guarda um dizer a partir do fenômeno da transferência como ressaltou este trabalho. O silêncio da contemporaneidade se apresenta como efeito da opacidade subjetiva do homem de nossa época, estando numa relação com seu próprio gozo, é no corpo que esse sujeito se inscreve sem fazer disto enigma.

Essa nova clínica, afirma Recalcati (2004), segundo a tríade clássica sintoma-demanda-transferência, que é na maior parte dos casos para o tratamento da neurose, se torna mais complexa e talvez desarticulada, pelo fato de que os novos sintomas não demonstram um sujeito dividido, mas se configuram como um tratamento pela via da perversão, da divisão subjetiva, no sentido de que o tratamento acontece através do objeto, ou através do uso perverso desse objeto que pretende disfarçar a castração.

Padrão (2009) demonstra que a nova clínica apresenta subjetividades marcadas pela ausência da dialética do sujeito e uma crença na posse de um objeto impossível, se colocando num estado radical de abandono. Essas são as formas de subjetividade que constituem a clínica psicanalítica contemporânea, voltada para o *acting-out*, da convocação do corpo, que promove uma alienação em relação ao outro e a nós, acomodando em si a forma de um vazio.

Mais especificamente, na nova clínica o sintoma não está mais do lado do sujeito barrado (\$), mas parece colocar-se do lado do S¹, sob o plano de uma identificação não histérica, o que torna dificilmente praticável seja a operação da retificação subjetiva, seja a histericização do discurso analisando (Recalcati, 2004, p. 10).

Kupermann (2003) afirma que, a clínica atual exige muito mais que simples palavras, mas uma convocação, uma vez que o psicanalista possa se apresentar de corpo e alma para a experiência analítica de afetação mútua que qualifica a clínica da psicanálise. Para o autor:

Só assim será possível transpor as couraças com as quais as individualidades empobrecidas se resguardam de seu devir do sujeito, transformando o encontro analítico em uma “máquina expressiva”, na qual a criação se faz possível. Mas, para isso, é preciso que o analista suporte uma perplexidade narcísica, transformando seu poder em “política do desejo como causa”, condição para o “trabalho em conjunto” próprio da análise (Idem, 2003, p. 3).

O efeito mais notório desta imobilidade da transferência simbólica recai sobre o estatuto da palavra, que antes se colocava no centro da dialética do sujeito, mas agora aparece esvaziada de sentido, dispensável, sem poder. Uma vez que a transferência é atraída pelo objeto de gozo, não há mais lugar para a palavra e nem para a escuta. A lógica da palavra, assim como a do desejo, é anulada por essa transferência. Uma transferência fixada sobre o objeto, na qual a demanda fica reduzida à vontade superegóica de preservar o sintoma (RECALCATI, 2004).

Como foi demonstrado o silêncio que chega nos consultórios hoje em dia, é da ordem de um sujeito que não tem nada a dizer com palavras, que não tem nada a perguntar também. Um sujeito que desconectado de seu laço simbólico se torna muitas vezes um descrente do inconsciente. Desse modo o silêncio entra como efeito dessa desarticulação entre o sujeito e o Outro.

O trabalho do analista é promover a possibilidade deste sujeito se reconectar com sua dimensão simbólica, apontando a palavra como uma possibilidade de singularização daquilo que se passa no real silencioso do corpo. Nesta aposta cabe ao analista oferecer corpo, palavra e silêncio como pontos de ancoragem da invenção subjetiva de cada sujeito.

3 CONCLUSÃO

O trabalho procurou defender a ideia da importância do inconsciente enquanto estruturado como linguagem, sendo esta linguagem, resultado da função simbólica que se renova em sujeito de fala. Segundo Elia (2010), as várias formas de produções simbólicas que podem ser expressas, não necessariamente dependem da via oral para serem manifestas. A psicanálise, que tem como centro o campo da fala, deve se debruçar sobre essas expressões

simbólicas que nada tem de audíveis e que algumas vezes não podem ser ditas por intermédio das palavras, para assim, fornecer o intermédio entre psiquismo e corpo.

Sendo assim, é necessário se pensar o poder das palavras, o que Freud já compreendia nos *Estudos sobre a histeria*, demonstrando que ela é a pedra angular de sua clínica, e onde Lacan vai desenvolver sua teoria. É de extrema importância a palavra na clínica da psicanálise, no entanto é preciso perceber sua ambiguidade e equívocos, uma vez que, a palavra, está em constante ameaça do conteúdo latente (FELIPETO; CALIL, 2008). Segundo Padrão (2009), o inconsciente busca se expressar ainda que por uma fala tropeçada. Mesmo que o paciente tente silenciar, buscando fugir desses conteúdos que proporcionam desprazer ao ego, o inconsciente fala, através do equívoco, do sem sentido, do silêncio.

Frente a isso, a melhor opção para lidar com o silêncio na clínica psicanalítica, é o lugar do “morto”, que segundo Lacan é um lugar que muito se assemelha a definição de *objeto a* por fazer surgir novos dizeres. Através do silêncio, deve-se apontar para o sujeito à posição do Outro, se posicionar frente ao silêncio como uma sombra. Nasio (2001) afirma, a sombra é uma forma de fazer surgir no sujeito uma nova ordem na linha dos atos psíquicos.

Assumir essa posição, ao nosso entender, promove uma clínica que vai lidar muito melhor com as demandas atuais da clínica contemporânea. Uma clínica de resgate do sujeito do inconsciente, segundo a ética psicanalítica, uma clínica que exige muito mais do que apenas interpretação do analista. É preciso na clínica atual, estabelecer um novo laço, encarnar o Outro.

THE FORMS OF SILENCE: A READING FROM PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

This work emphasizes the importance of silence for psychoanalysis and aims to discuss the development of silence in the writings of Freud and Lacan, identifying the relevance of the development of the notion of silence in the psychoanalytic clinic, a clinic based on speech. As well as analyzing the analyst's position vis-a-vis the silent patient. We will explore the analyst / patient relationship in the contemporary clinic, in the face of the dichotomy of silence (opening of the unconscious / phenomenon of resistance), seeking to conceptualize the Lacanian object, articulating silence as a notion of emptiness and an attribution of meaning, where the subject can advir.

Keywords: Symbolic. Silence. *Objeto a*. Contemporaneity

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **“Corpos e formas de subjetivação em psicanálise”**, Estados Gerais da Psicanálise: segundo encontro mundial, Rio de Janeiro, 2003.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. **O silêncio nos entremeios da cultura e da linguagem**. In: BAITELLO, N., CONTRERA, M.; MENEZES, J. (Org.). **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume, 2005.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

FELIPETO, Cristina; CALIL, Eduardo. **As marteladas do ato falho**. Língua portuguesa: especial psicanálise e linguagem. São Paulo, ano 2, p. 22-27, 2008.

FERREIRA, Nádya Paulo. **Jacques Lacan: Apropriação e subversão da linguística**. *Ágora*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 113 – 132, 2002.

FREUD, Sigmund. (1901) **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915) **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XIV.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, volume 2: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

LACAN, J. (1967). **O Seminário, Livro XIV: A lógica do fantasma**. Recife, Outubro de 2008.

LACAN, J. (1971). **O Seminário, Livro XIX: O saber do Psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1981). **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LONGO, Leila. **Linguagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NASIO, J. **O silêncio na psicanálise. In: O silêncio em psicanálise.** Tradução: Martha Prada e Silva. São Paulo: Papyrus, 1989.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6ª edição. São Paulo: UNICAMP, 2007.

PADRÃO, Camila Braz. **Considerações sobre o silêncio na clínica psicanalítica: dos primórdios aos dias atuais.** Cad. Psicanálise. Dimensões do silêncio. Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 91-103, 2009.

QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

RECALCATI, Massimo. **A questão preliminar na época do Outro que não existe.**

Tradução de Anamaria Lambert. Disponível em: <http://www.latusa.com.br/latmarteximp7_2.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2009.